

O Que Pode “O Médico” de Sir L. Fildes Dizer-nos Hoje



What Sir Luke Fildes “The Doctor” Can Tell us Today

Sofia BAPTISTA✉¹
Acta Med Port 2015 Jul-Aug;28(4):540-543



Figura 1 - “The Doctor”, Sir Luke Fildes, 1891, Óleo sobre tela, 1664 x 2419 mm. Fotografia: Tate Britain.

Palavras-chave: História do Século 19; Medicina na Arte; Papel do Médico; Pintura.

Keywords: History, 19th Century; Medicine in Art; Paintings; Physician’s Role.

A composição

A candidez e nobreza do tema são consubstanciadas por Sir Luke Fildes entre pinceladas e linhas de luz. Basta um primeiro olhar para compreender que esta pintura trata de uma criança doente e do médico que a observa (Fig. 1). Mas há mais, e num segundo olhar compreende-se isto mesmo: as figuras do quadro delineiam um triângulo de que fazem parte, além da díade dominante criança-médico, os pais da criança (Fig. 2): a mãe parece tomada pelo desespero, imaginamos que chora ou, pelo menos, perdeu já a esperança, abandonando a cabeça sobre a mesa e entre os braços; o pai é o ponto de ligação entre os elementos do

quadro, pousando a mão sobre o ombro da esposa, num gesto de consolo e, ao mesmo tempo, fixando o olhar no médico, parecendo procurar, nos seus gestos e expressão, qualquer resposta ou novidade relativas ao prognóstico da doença que afecta a criança. Não conseguimos compreender se se trata de uma menina ou menino, a criança afigura-se frágil e pálida, as mãos pendendo; repousa num leito improvisado sobre duas cadeiras diferentes, o que nos dá conta da humildade do lar representado, dado corroborado pelos demais elementos do interior da casa. O médico observa a criança ao mesmo tempo ensimesmado (veja-se como se apoia na mão, os dedos cofiando a barba) e

1. Interna de Formação Específica, Medicina Geral e Familiar. Unidade de Saúde Familiar Serpa Pinto. Agrupamentos de Centros de Saúde Porto Ocidental. Porto, Portugal.

✉ Autor correspondente: Sofia Baptista. sofiafbaptista@gmail.com

Recebido: 05 de Fevereiro de 2015 - Aceite: 19 de Junho de 2015 | Copyright © Ordem dos Médicos 2015



Figura 2 - Pormenor da família na sombra (digitalmente realçado)

demonstrando uma genuína preocupação (note-se o corpo inclinado na direcção do doente).

O contexto histórico

Sir Luke Fildes nasceu em Liverpool, a 30 de Outubro de 1843.¹ Foi bem sucedido nos seus estudos na Real Academia, começando a notabilizar-se como ilustrador, o que levou Charles Dickens a convidá-lo para ilustrar o seu romance "Edwin Drood". Em 1880, Henry Tate, patrono das artes que havia feito fortuna com o negócio do açúcar nas Caraíbas, encomendou a Fildes um trabalho que reflectisse um realismo de pendor social. Surge então a pintura "O Médico", que será inspirada na morte do filho mais velho de Sir Luke Fildes, dedicando este enorme agradecimento ao médico que o assistiu.² A pintura, oferecida juntamente a outras por Henry Tate ao povo britânico, tornou-se icónica desde a sua exibição, em 1891.

Justamente o facto de se ter tornado um ícone, levou a que fosse usada com fins políticos pela American Medical Association (AMA), em 1949, com o intuito de criticar a proposta do presidente Truman para a nacionalização dos cuidados de saúde, utilizando a pintura e o slogan 'Keep politics out of this picture'. Anos mais tarde, do outro lado do Atlântico, a pintura de Sir Luke Fildes aparece na capa da revista Lancet, numa edição comemorativa do 50º aniversário do Serviço Nacional de Saúde, em 1998.¹

Mitchell Banks sintetizou, num breve comentário publicado pelo British Medical Journal em 1892, a importância desta pintura: 'uma livraria cheia de livros escritos em honra do médico não faria pela profissão médica o que esta pintura fez'.

Não obstante, Sir Luke Fildes poderá ter colocado nesta pintura, além do desejo de homenagear o médico, também uma intenção reflexiva. Com efeito, em meados do século XIX, começam a desenvolver-se a anestesia e controlo da dor, ocorrendo também avanços a nível da Cirurgia.³ O facto é que os interesses económicos e a instrumentalização da Medicina constituíam, já na época, matéria de crítica.

A invenção do telefone por Bell marcou um outro ponto de viragem, com importantes repercussões na Medicina. O artigo de 1887 da revista Lancet "The simplex mechanical telephone" reflectia sobre como poderia imaginar-se esta pintura com a realidade da existência do telefone, ironizando que provavelmente a criança estaria sozinha e os pais ocupados a telefonar ao médico.

Sob este ponto de vista, "O Médico" poderá, assim, não corresponder com acuidade à realidade histórica da época, mas ser, ele mesmo, fruto de ficção e crítica, incluindo as perspectivas e expectativas do público em geral e da classe médica.⁴

O médico na obra de Sir Luke Fildes

Nesta pintura, Fildes representa o típico médico da época vitoriana durante uma visita domiciliária.

Repare-se como a luz incide nas mãos do médico: tantas vezes meio de diagnóstico através do exame objectivo, repositório de esperanças como símbolo de cura, as mãos recordam-nos, sem dúvida, uma ferramenta tão importante ontem como hoje (Fig. 3). Apesar de todos os meios complementares de diagnóstico e terapêutica, as mãos do médico, que palpam, sentem, medem, são indispensáveis e o verdadeiro instrumento do cuidar.

Está ainda patente na pintura a dimensão da continuidade de cuidados: o frasco de xarope sobre a mesa, a que já falta parte do conteúdo, e a atitude expectante do médico, indiciam que, nesta situação, o diagnóstico e o tratamento estarão já feitos. Não obstante, o médico continua à cabeceira, pois não se esgota após a terapêutica o âmbito e o tempo dos seus cuidados.

Um outro aspecto a ressaltar é o de que não existem, neste quadro, muitos dos instrumentos que faziam parte, já na altura, da parafernália médica, como o estetoscópio ou o termómetro.¹ Esta lacuna, que decerto será propositada, permite enfatizar uma outra característica tão cara à boa prática médica: olhar o indivíduo como um todo, alcançar uma perspectiva holística da pessoa.

A diáde médico-doente está no centro iluminado da composição pictórica, tal destaca-a enquanto pedra basilar da prática médica, colocando no âmbito os cuidados centrados na pessoa.

Portugal no tempo de "O Médico"

Este período, descreve-o M. Ferreira de Mira na sua obra "História da Medicina Portuguesa", assim: 'Quem compare a medicina portuguesa de cerca do ano de 1870 com a dos países mais progressivos na mesma época poderá verificar que tínhamos ocupado, até então, a situação de seguidores ou de imitadores, mas que essa posição subalterna já nos pesava'.¹⁵ Com efeito, os médicos portugueses liam sobretudo - e quase exclusivamente - as publicações francesas, em linha com a tradição de estudo por manuais franceses do ensino preparatório às escolas médicas.

Entre os importantes avanços e vultos que marcaram a Medicina da segunda metade do século XIX, destacam-se os trabalhos de Pasteur, rapidamente difundidos pelo



Figura 3 - Pormenor do médico e doente sob a luz

mundo científico. A higiene, até então parte insignificante do curriculum e da prática médica, ganha grande destaque, começando a ser dada atenção às condições das habitações e locais de trabalho. Começam a ser feitas inspecções médicas nas fábricas e escolas e é notória a crescente importância da luta contra a tuberculose, sífilis, malária e outras epidemias. A pintura "O Médico" versa o tema da cura, não obstante, na época, fruto das importantes descobertas na Microbiologia, ocorre um voltar nunca antes observado para a prevenção. É uma forte mensagem que passa, pois, a propósito do despontar do entusiasmo da evicção das doenças: não se esqueça o médico de que não tem todas as respostas, nem todos os poderes – ainda será sempre preciso, mesmo que em sentido metafórico, ficar e esperar à cabeceira.

Um outro ponto de enfoque foi o decreto que ditou a reforma dos serviços de saúde pública, ocorrida em 1868 que, além de trazer uma nova organização deliberativa e executiva à saúde, trouxe nova regulamentação à prática médica: estaria sujeito a punição quem exercesse a profissão médica sem legítimo título ou o médico que recusasse o seu auxílio profissional ou, ainda, que receitasse em termos abreviados ou designações apenas compreendidas por alguns farmacêuticos ou que, de alguma forma, obrigasse os seus doentes a aviar as receitas numa determinada farmácia.⁵ Antevemos nestas linhas desenhar-se um aproximar do doente ao centro da prática médica, posição que a pintura "O Médico" deixa inequívoca.

Por outro lado, o tema de "O Médico" centra-se na criança doente, sendo que à saúde infantil era, até à época, dada pouca importância. De facto, a pintura de Sir L.

Fildes surge no advento da mudança desta posição. Embora também em Portugal a Pediatria se tenha isolado como especialidade médica muito tarde, a sua instituição fica a dever-se em grande parte à criação, por Dias Almeida, da clínica pediátrica no Porto, e a Salazar de Sousa, que começou a especializar-se e viria a ser regente da cadeira de Pediatria, em 1911, em Lisboa.

Como seria "O Médico" se fosse pintado hoje?

Ao reflectirmos como poderia ser, por hipótese, uma versão desta pintura no século XXI, particularmente nos tempos actuais, afloram duas perspectivas. Por um lado, satirizando a actual quase subserviência da Medicina em relação à tecnologia, podemos com facilidade imaginar um computador entre o médico e a criança, mantendo o médico um ar de preocupação, absorto na correcta codificação dos problemas deste doente e no geral rigor dos registos electrónicos efectuados. A tecnologia e, em particular, os registos médicos electrónicos, trouxeram uma ferramenta ímpar que permite a médicos e doentes manter um processo clínico estruturado e transversal no tempo. As contingências que rodeiam a tecnologia – e não esta *per se* – é que cerceiam o acto médico, tornando-o impessoal.

Poderíamos ser cáusticos ao ponto de duvidar se este médico cumpriria os indicadores. Na verdade, este é um tema quente e frágil, mas é inegável a inevitabilidade e utilidade dos indicadores em saúde para avaliar e fazer reflectir. Talvez o seu perigo actual seja o de medirem em demasia: ou então encontre-se um indicador para a escuta do doente e o sentar expectante à cabeceira que faz "O Médico" de Sir Luke Fildes.

Não obstante, olhando "O Médico" a partir desta segunda década do segundo milénio, ainda há – e renovada – esperança: o médico de hoje mantém uma proximidade grande aos seus doentes, no consultório, enfermaria ou em cada visita domiciliária. Estar com e ouvir o doente é um acto médico verdadeiramente insubstituível e que, por tal, não poderá nunca ser alienado. Os admiráveis avanços tecnológicos permitem-nos já curar o doente à distância, mas sem a presença, a observação, a escuta e a construção de uma relação com o doente, não é possível cuidar verdadeira e integralmente.

REFERÊNCIAS

1. Verghese A. The Gordon Wilson lecture: 'The Doctor in our own time': Fildes' famous painting and perceptions of physician attentiveness. *Trans Am Clin Climatol Assoc.* 2008;119:117-26.
2. Tate Britain. The doctor. [consultado 2015 Jan 25]; Disponível em: <http://www.tate.org.uk/art/artworks/fildes-the-doctor-n01522/text-summary>.
3. Moore J. What Sir Luke Fildes' 1887 painting The Doctor can teach us about the practice of medicine today. *Br J Gen Pract.* 2008;58:210-3.
4. Barilan YM. The Doctor by Luke Fildes: an icon in context. *J Med Humanit.* 2007;28:59-80.
5. de Mira MF. História da Medicina Portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional de Publicidade; 1947.

AGRADECIMENTOS

A Acta Médica Portuguesa e a Ordem dos Médicos agradecem à Tate Britain Gallery em Londres a oportunidade de divulgar esta pintura.

CONFLITOS DE INTERESSE

A autora nega qualquer conflito de interesses.

FONTES DE FINANCIAMENTO

A autora não recebeu nenhum financiamento para a escrita do artigo.

Sofia BAPTISTA

O Que Pode “O Médico” de *Sir L. Fildes* Dizer-nos Hoje

Acta Med Port 2015;28:540-543

Publicado pela **Acta Médica Portuguesa**, a Revista Científica da Ordem dos Médicos

Av. Almirante Gago Coutinho, 151

1749-084 Lisboa, Portugal.

Tel: +351 218 428 215

E-mail: submissao@actamedicaportuguesa.com

www.actamedicaportuguesa.com

ISSN:0870-399X | e-ISSN: 1646-0758



ACTA MÉDICA
PORTUGUESA

